

A CORRELAÇÃO ENTRE OS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO E O DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS DA REDE PÚBLICA

Juliana Letícia Alves dos Santos¹
Maxwell Gomes da Silva²
Saulo Verçosa Nicácio³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito da disciplina de Projetos Integradores 2, em que foi proposto a criação de um projeto de pesquisa sobre assuntos que teriam uma finalidade pedagógica. Optamos como linha de pesquisa a relação entre a influência de fatores externos, como problemas familiares, financeiros e problemas nas relações interpessoais no âmbito escolar, e desempenho escolar de adolescentes com traços de depressão e ansiedade.

A adolescência é uma fase de considerável estresse social e corresponde a uma época de transição entre a infância e a idade adulta (Wilson, Pritchard&Revalee, 2005) caracterizada por inúmeras mudanças do desenvolvimento em diferentes sistemas ou níveis de análise como o biológico, o cognitivo e o social (Windle& Davies, 1999).

Em seus estudos, o aclamado ‘pai da medicina’, Hipócrates (450 a.C- 370 a.C.), sintetizou a melancolia, um entendimento precursor da depressão, como ‘um estado de medo e desânimo duradouros’. Desde então, a humanidade vem procurando respostas e uma definição precisa da doença, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), afeta mais 300 milhões de pessoas no mundo. O Brasil, ainda de acordo com a OMS, ocupa o primeiro lugar no ranking de países ansiosos, com 5,8 % dos casos afirmados, e desse total 40% são jovens entre 12 e 25 anos de idade.

Baseado nesses dados, configura-se de suma importância que a escola como agente transformador, torne-se ativo quanto a meios de conscientização dos alunos a respeito da depressão e ansiedade, visto que, boa parte dos jovens afetados pela doença passam parte do dia dentro da escola. Pensando nisso, como forma de incentivar as instituições de ensino a abordarem o tema, foi criada alternativas para uma escola da rede pública escolhida.

Para isso, aplicamos um questionário divididos em três partes, o primeiro avaliou a presença desses transtornos entre alunos do ensino médio. O segundo, analisou o desempenho e o coeficiente escolar desses estudantes. E finalizando a coleta dos dados, um terceiro questionário que buscou coletar informações sobre a situação da relação familiar e a financeira. Ademais, foi feita uma análise das notas de todos os alunos da amostra para constatar se de fato havia uma relação intrínseca entre esses fatores.

Por fim, analisando os resultados obtidos a partir dos questionários, dos 104 alunos que fizeram parte da pesquisa, foi constatado que 59,34% apresentavam alguns indícios de transtornos depressivos e baixo rendimento escolar. Também foi verificado que o baixo apoio familiar e as dificuldades financeiras eram agravantes dessas psicopatologias. Tendo em vista a notória problemática, propomos como intervenção a inserção do debate e de atividades extracurriculares voltadas à conscientização sobre esses transtornos entre os jovens.

¹ Graduando do Curso de **Ciências Biológicas** da Universidade Federal - UF, julianalet2016@outlook.com;

² Graduado pelo Curso de **Química licenciatura** da Universidade Federal - UF, maxx_well34@hotmail.com;

³ Professor orientador: Mestre, Universidade Federal de Alagoas - UFAL, saulo.nicacio@icbs.ufal.br. (83) 3322.3222

METODOLOGIA

A amostra foi construída por 104 alunos, de quatro turmas de terceiro ano, com idades que variam entre 16 e 20 anos, matriculados no ensino médio da rede pública no bairro Benedito Bentes, em Maceió-Alagoas. Para obtenção dos dados, aplicamos primeiramente um termo de concordância em participar da pesquisa, assegurando-lhes sigilo e confidencialidade dos dados, e um Consentimento Informal da Instituição que mantém formalmente a guarda das adolescentes abrigados, assim como da direção da escola participante, conforme orientações éticas para pesquisas com seres humanos (Hutz& Silva, 2002; Hutz&Spink, 2000; Lisboa &Koller, 2000). Posteriormente, aplicamos um questionário dividido em três partes que buscou analisar a relação familiar, o desempenho escolar e indícios gerais de distúrbios psicopatológicos.

A primeira parte do questionário aplicado, buscou identificar possíveis sinais de ansiedade e depressão através do trabalho desenvolvido pelo psiquiatra e psicofarmacologista clínico novaiorquino Dr. Ivan Goldberg. As respostas eram avaliadas de acordo com a frequência de respostas seguindo as seguintes pontuações:

1. De forma nenhuma (0,0);
2. Algo (0,5);
3. Bastante (1,0);
4. Somente um pouco (1,5);
5. Moderadamente (2,0);
6. Muito mesmo (3,0).

Para relacionar a frequência de respostas com os sinais de transtornos de ansiedade e depressão foram usados os seguintes critérios:

1. Pontuações de 0-9: não parece haver depressão ou ansiedade;
2. Pontuações de 10-17: possível depressão ou ansiedade suave;
3. Pontuações de 18-21: linha limite da depressão ou ansiedade;
4. Pontuações de 22-35: suave-moderado;
5. Pontuações de 36-53: moderado-severo;
6. Pontuações de 54 a mais: severamente deprimido ou ansioso.

No segundo questionário, as perguntas estavam baseadas no questionário socioeconômico do IBGE, e relacionou a relação familiar e a condição financeira com o desempenho escolar dos estudantes, seguindo algumas das perguntas abaixo:

1. Quantas pessoas moram na sua residência?
2. Qual a média salarial das pessoas que convivem com você?
3. Você conversa com os seus pais sobre sexo, drogas, violência, vestibular ou trabalho?

Já no terceiro momento da pesquisa, aplicamos o questionário baseado em pesquisas que abordam o desempenho escolar desses alunos, com as seguintes perguntas:

1. Você já repetiu de ano?
2. Quando terminar o ensino médio, o que você pretende fazer?
3. Como você considera a sua relação com equipe da escola?
4. Você considera a escola um ambiente acolhedor?
5. Como você classificaria os seguintes aspectos da escola:
 - a) Segurança;
 - b) Regras de convivência;
 - c) Qualidade de ensino.

Por fim, ao terminar de analisar as respostas dos questionários e obter os dados necessários para dar início ao projeto, conversamos com a coordenadora pedagógica da escola escolhida e mostramos os resultados iniciais da pesquisa, para que junto a ela pudéssemos iniciar projetos e atividades com intuito de conscientizar os alunos.

DESENVOLVIMENTO

A depressão na adolescência vem sendo mundialmente reconhecida devido ao notório aumento nos casos clínicos nessa faixa etária, comumente diagnosticado por profissionais da saúde mental (Bahls&Bahls, 2002; Levisky, 2002). Por muitos anos, a depressão foi considerada uma psicopatologia relacionada à fase adulta e somente a partir da década de 60, a ocorrência dessa doença foi também associada à infância e adolescência.

Embora já existissem estudos que abordavam a ocorrência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes, o Instituto Nacional de Saúde Mental dos EUA, por exemplo, só passou a considerar a depressão na adolescência a partir de 1975 (Monteiro & Lage, 2007). Apesar de recentes, esses estudos vêm sendo aprimorados nos principais centros de pesquisas de psicopatologias do mundo, apontando-a como um problema crescente (Bahls&Bahls, 2002; Capitão, 2007; Monteiro & Lage, 2007; Schneider & Ramires, 2007). Segundo Bahls e Bahls (2002), a incidência de quadro depressivo na adolescência varia de 3,3 a 12,4%, ocorrendo em grande parte na transição da infância para a adolescência, com predomínio do sexo feminino sobre o masculino.

Alguns fatores intensificam o aparecimento desses transtornos na adolescência, como por exemplo, a presença de histórico familiar de depressão tem sido considerada um dos mais fortes fatores de risco para a desordem. Um dos fatores que estão associados à proteção dos adolescentes contra a depressão está: bons desempenhos acadêmicos, envolvimento em atividades extracurriculares, competência no meio social, competência intelectual, boas relações interpessoais e bons suportes.

Dessa forma, a maior ou menor possibilidade de surgimento dessa psicopatologia é avaliada como o resultado da relação de uma série de fatores ambientais, como estresse, falta ou perda de predisposições individuais (Steinberg, 1999). Para Steinberg (1999), o adolescente que tem relacionamentos familiares harmônicos, tem mais ferramentas de enfrentar experiências estressantes do que aqueles sem tal apoio.

A capacidade intelectual e o desempenho escolar têm sido considerados como fatores individuais que atenua os efeitos negativos do estresse na adolescência (Garnezy, Masten&Tellegen, 1984). No entanto, o desempenho escolar, dependendo de sua qualidade, pode trazer diferentes consequências para a criança: um bom desempenho ajuda a criança a melhorar sua autoestima, dando-lhe um sentimento de valor pessoal; porém, se os pais ou outros adultos significativos a pressionam exigindo demais, esse mesmo desempenho escolar pode também se constituir em fator que torna a criança mais vulnerável. Experiências estressantes ligadas ao ambiente escolar, como aquelas que ocorrem em situações de provas, competições, conflitos com companheiros ou professores, podem levar a resultados não saudáveis, como fobias e episódios depressivos (Carson & Bittner, 1994).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questionário psicopatológico

Com a aplicação do primeiro questionário, que avaliou os sinais desse transtorno obtemos os seguintes resultados:

1. 3 dos 104 alunos que participaram da amostra estudantes obtiveram pontuação acima de 54, ou seja, de acordo com os critérios, apresentavam sinais claros de possíveis transtornos de depressão profunda e ansiedade, com tendências suicidas;
2. 53 alunos da amostra obtiveram pontuação para serem classificados com depressão suave ou na linha limite da depressão;
3. Apenas 27 do total de alunos da pesquisa, não apresentavam nenhum sinal de depressão ou transtornos de ansiedade.

Tais resultados mostraram, logo de início, que apenas 25,961% dos alunos não tinha indícios, e que aproximadamente 74,038 % do restante da amostra, marcaram que apresentam pelo “ um pouco” dos 18 sinais, em 10 das perguntas.

Questionário socioeconômico e relações familiares

Com o segundo questionário, que permitiu a avaliação geral da situação financeira e da relação familiar, obtemos os seguintes resultados:

1. 78 alunos responderam que a renda familiar não ultrapassava mais de 2 salários mínimos,
2. 83 alunos afirmaram ter problemas de relacionamento familiar;
3. 56 alunos afirmaram viver com apenas um dos seus progenitores.
4. 52 alunos responderam “ não” para a pergunta “ Você conversa com os seus pais sobre sexo, drogas, violência, vestibular ou trabalho?”

Questionário do desempenho escolar

Com o terceiro questionário, pudemos concluir a pesquisa e concluir que de fato, os alunos que declararam passar por problemas familiares e financeiros, e alunos que apresentaram traços de transtorno de ansiedade e depressão foram os que obtiveram os piores coeficientes bimestrais do início ao meio do ano.

1. Dos 27 alunos que não apresentavam nenhum sinal de depressão ou transtornos de ansiedade, apenas 5 obtiveram coeficiente (média de notas do bimestre) abaixo de 7,5;
2. Dos 3 alunos que apresentavam sinais de uma depressão severa, com claros indícios de tendências suicidas, um havia sido reprovado de ano, e os outros dois possuíam coeficientes abaixo de 6 no último bimestre.

Concluimos então, que há de fato uma relação entre essas psicopatologias e o desempenho escolar desses estudantes, sendo essas, intensificadas por problemas familiares, problemas financeiros, falta de incentivo e perspectivas futuras, e a perda do papel social da escola na vida desses estudantes. Como foi exposto acima, dos participantes da pesquisa, cerca de 74,03% apresentavam indícios desses transtornos, seja de forma leve, ou mais severa. Desse total, a maioria afirmou ter problemas na relação familiar, e problemas nas relações interpessoais na própria escola. Além disso, parte dos 77 alunos que possuíam esses sinais, obtiveram péssimos coeficientes , variando entre 4,5 à 7,0 na média bimestral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, baseado nos dados obtidos durante a realização dessa pesquisa, faz-se necessário que escola juntamente com a família atentem à problemática do século atual, os transtornos de ansiedade depressão. E que como agentes transformadores, fomentem o debate sobre esse mal que está cada vez mais comum entre crianças e adolescentes. A pesquisa também permitiu comprovar que existe uma relação intrínseca entre o desempenho escolar dos estudantes e a presença dessas psicopatologias.

Ademais, é de suma importância, que como futuros educadores, possamos ainda como estudantes, reconhecer o quão importante é a análise minuciosa dos fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem, para que no futuro, a educação possa atingir um número maior de pessoas, a partir do acompanhamento mais profundo de cada aluno, tornando a educação cada vez mais democrática.

Palavras-Chaves: Depressão; Desempenho escolar; Ansiedade.

REFERÊNCIAS

- Bahls, S. C., & Bahls, F. R. C. (2002). Depressão na adolescência: características clínicas. *Interação em Psicologia*, 6 (1), 49-57.
- Wilson, G. S., Pritchard, M. E., & Revalee, B. (2005). Individual differences in adolescent health symptoms: The effect of gender and coping. *Journal of Adolescence*, 28, 369-379.
- Monteiro, K. C., & Lage, A. M. V. (2007) A depressão na adolescência. *Psicologia em estudo Maringá*, 2(2), 257-265.
- Levisky, D. L. (2002). Depressões narcísicas na adolescência e o impacto da cultura. *Psychê*, 6(10), 125-136.
- Windle, M. & Davies, P. T. (1999). Depression and heavy alcohol use among adolescents: Concurrent and prospective relations. *Development and Psychopathology*, 11, 823-844.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence*. Boston: McGraw-Hill.
- Herman-Stahl, M. & Petersen, A. C. (1996). The protective role of coping and social resources for depressive symptoms among young adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 25, 733-753.
- Garnezy, N., Masten, A. S. & Tellegen, A. (1984). The study of stress and competence in children: A building block for developmental psychopathology. *Child Development*, 55, 97-111.
- Carson, D. K. & Bittner, M. T. (1994). Temperament and school-aged children's coping abilities and responses to stress. *The Journal of Genetic Psychology*, 155, 289-302.
- Hutz, C. S. & Silva, D. F. (2002). Avaliação psicológica de crianças em situação de risco. *Avaliação Psicológica*, 1, 73-79.
- Hutz, C. S. & Spink, M. J. (2000). Orientações éticas para psicólogos envolvidos em pesquisa com seres humanos. Documento elaborado para o Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia. Retirado de: www.psicologia.ufrgs.br/laboratorio em 10/10/2003.